

CRÔNICA

Paulo Pestana • papestana@uol.com.br



O fim da conversa fiada

Não sei onde ou quando começou, mas me parece ter sido decretado o fim da conversa fiada. O papo sem compromisso, leve, descontraído, sumiu do radar até mesmo num de seus principais criadouros, o botequim. Antigo ambiente amigo das amenidades, o bar tem se transformado em arena, um sangrento coliseu de ideias radicais.

As discussões num bar, por mais acaloradas que fossem, acabavam num copo de cerveja gelada, muitas vezes num abraço afetuoso; os mais exaltados não iam além dos perdigotos disparados sem muita precisão. Eram como um campeonato: os contendores deveriam ser resguardados para o dia seguinte, para a próxima partida.

Não é mais assim. A cordialidade deu lugar à intolerância e eu imagino que vai piorar: a imbecilidade que grassa no mundo virtual está invadindo a vida real; os idiotas perderam a vergonha e agora despejam seus preconceitos e torpezas em viva voz e não mais escondidos atrás de avatares; marmanjos retrocedem e se comportam como adolescentes com os hormônios em ebulição. E inteligência artificial.

O fato é que nem toda hora é hora de falar a sério, como tem sido exigido. Quem precisa procurar a profundidade dos fatos num mundo tão raso como o que as autoridades constituídas nos oferecem diariamente? O festival de espertezas, versões e perversões do noticiário têm consumindo o que deviam ser momentos amenos, aqueles que não exigem reflexão ou veemência e que estão em vias de extinção.

Houve um tempo em que a cerveja servida na mesa do bar era mais cara do que a do balcão; a que vinha em garrafa verde era mais barata do que a do casco escuro. Posto isto, a mesa é o lugar nobre do bar; balcão é só para o chopinho rápido, entre um e outro afazer, no máximo acompanhado de um



choriço. O mundo passa pela mesa do bar, não pelo balcão.

Mas nos botecos menos íntimos, o melhor tem sido beber em pé, evitando mesas e cadeiras — fica mais fácil controlar os chatos engajados e com suas falsas polêmicas. Nada é pior do que um chato confortável; ele se aproxima, senta com intimidade e vai ficando — não tem medo de cara feia, não respeita passa-fora e, diante do nosso

desinteresse, consegue entabular um monólogo de Pirandello, sem pé nem cabeça. E os chatos falam de tudo: política nacional, eleição americana, guerra.

Mesmo no balcão tem sido difícil se livrar do cerco. Outro dia, um sujeito se posicionou à minha esquerda e outro à direita e ficaram conversando entre si, enquanto eu, entre eles, fingia o maior interesse no VT da pelada que a televisão exibia.

Tento falar do esquema tático do time inglês, mas o sujeito A só tem presidente e ex-presidente na cabeça. Ouso brincar com uma trapalhada do juiz, mas o sujeito B responde com uma tese sobre a pressão mundial para que o Brasil não possa explorar petróleo na Amazônia Legal. Não preciso, mas vou ao banheiro. Só que quando abro o tampo da privada me lembro dos políticos de novo. Estou cercado.